

NOTAS E COMENTÁRIOS

José Rebouças Macambira, nascido em Palmácia, município do Maciço Central de Baturité, Ceará, em 17 de novembro de 1917, deixou o convívio humano no dia 17 de janeiro de 1992. Fez o curso primário na cidade natal, a qual, aos doze anos, trocou por Canindé com a finalidade de dar prosseguimento aos estudos no Colégio de São Francisco, estabelecimento de ensino "então dirigido por frades alemães". Quatro anos depois, veio para Fortaleza e ingressou no Seminário Arquidiocesano, deixando-o em 1937. No ano seguinte, deu início à carreira do magistério, que exerceu com abnegação, amor e dedicação incomparáveis. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Ceará em 1951 e, mais tarde, Licenciado em Letras Neolatinas pela então Faculdade Católica de Filosofia.

A exemplo de seu mestre, o grande filólogo Martinz de Aguiar, jamais quis sair do Ceará e, por isso mesmo, não chegou a cursar, como aluno regularmente matriculado, nenhuma Pós-graduação. Não obstante isso, conseguiu, graças aos próprios méritos, galgar o ponto mais alto da hierarquia do magistério superior. Através de concursos realizados na Universidade Federal do Ceará, obteve, em 1980, a Livre-docência de Lingüística e, em 1986, tornou-se Professor Titular de Lingüística. Na última oportunidade, foi examinado, entre outros, por Sílvio Edmundo Elia e Evanildo Cavalcante Bechara, duas das maiores expressões da Lingüística nacional.

Professor de Lingüística e de Língua Portuguesa nas Universidades Federal e Estadual do Ceará, membro da Academia Cearense de Letras, da Academia Brasileira e da Academia Cearense da Língua Portuguesa, José Rebouças Macambira tornou-se um erudito, cujas palavras, formal ou informalmente, sempre inspiraram credibilidade em virtude de um sólido lastro teórico, haurido, principalmente, em Saussure, Bloomfield, Jespersen, Meillet e Vendryes – donde a sua reputação como "estruturalista" –, mas alicerçado por um conhecimento de causa, proveniente de um saber que construiu, ao longo do tempo, como professor de Grego, Latim, Francês, Italiano, Espanhol, Inglês, Alemão e, por último, de Sânscrito. Em face disso e, sobretudo, de sua meritória produção científica, foi-lhe concedida pela Universidade Federal do Ceará, em junho de 1988, a Medalha do Mérito Científico e, mais recentemente, em dezembro de 1991, o Conselho Universitário da mesma instituição aprovou a outorga do Título de Professor Emérito, que lhe será conferido "post mortem".

José Rebouças Macambira foi o primeiro professor de Lingüística do Ceará. Sempre fiel aos clássicos de sua formação e preferência, jamais se deixou seduzir pela última moda implantada na Lingüística, como sói acontecer aos lingüistas jovens em um país jovem como o Brasil, em que não tem sido possível consolidar-se nenhuma escola de Lingüística nem muito menos criar-se uma tradição própria. Nem mesmo o atraente movimento transformacionalista conseguiu demovê-lo da opção por seus clássicos. Foi assim, sem o sotaque da última moda, que conseguiu deixar uma

contribuição valiosíssima que contempla os domínios da Fonologia, da Morfologia, da Estilística e, principalmente, da Sintaxe da Língua Portuguesa.

Se houvesse tentado acompanhar todos os desenvolvimentos processados na Lingüística após a revolução chomskiana, não teria certamente conseguido produzir a invejável contribuição que, como afirmamos alhures, complementa, de certo modo, o legado descritivo de J. Mattoso Câmara Jr. Consciente de suas limitações em face dos vertiginosos progressos da Lingüística, preferiu estacionar nos ancoradouros uni-estruturalistas supracitados, para poder empreender, com base, em parte, na realidade lingüística cearense, a renovação da Gramática e do Ensino da Língua Portuguesa.

Oferecer uma contribuição destinada a esta renovação foi sempre o seu grande sonho ou o objetivo maior de sua vida, objetivo explicitamente manifesto, algumas vezes, nas "Introduções" de suas obras. Daí uma preocupação constante com a conciliação dos planos "descritivo" e "pedagógico" da língua. Para ele, "pesquisa" e "ensino" eram, de fato, funções indissociáveis, sabedor de que o bom professor não é aquele que, de modo brilhante e eloqüente, expõe, em classe, conteúdos alheios, senão o que transmite informações de primeira mão e leva às salas de aula um conhecimento gerado às próprias expensas. Sem nenhum risco de erro, podemos afirmar que a indissociabilidade entre "pesquisa" e "ensino" foi o princípio pelo qual pautou o exercício do magistério superior.

Ao pôr em prática este princípio, deu um exemplo magnífico de como deve ser a ação de um professor universitário, ensinando-nos com esta postura acadêmica que a conciliação das três funções da Universidade – "pesquisa", "ensino" e "extensão" –, embora muitas vezes difícil em face de certas circunstâncias, é possível. Foi um grande mestre, portanto, não apenas à luz de sua produção científica, mas também à luz da grande lição de como deve agir um professor universitário, de como este deve gerar conhecimentos, do que deve fazer "da" e "na" sala de aula.

Como já afirmamos noutro lugar, preparava com muita antecedência as suas aulas. Ao iniciar-se o semestre, apresentava-se ele com os conteúdos programáticos desenvolvidos sob forma mimeografada. Com isso testava em classe a sua leitura e interpretação das estruturas da Língua Portuguesa. Os alunos tinham, então, o privilégio da primeira divulgação de lições lingüísticas, que só depois, devidamente apuradas, convertiam-se em livros. Assim foram elaborados *A estrutura morfo-sintática do português* (1970), *A estrutura da oração reduzida* (1971), *Português estrutural* (1974), *A estrutura musical do verbo e da prosa* (1983), *Fonologia do português* (1985) e *Estrutura do vernáculo* (1986), todas, obras de muito valor, em que fatos exemplos ilustrativos predominam sobre os aspectos teóricos, estes, em geral, limitados a breves definições de tipos estruturais, categorias, funções e conceitos lingüísticos.

A estrutura do polifônio (1975), em edição mimeografada, foi a tese com a qual obteve a Livre-docência de Lingüística, havendo sido a obra publicada em 1983 o trabalho que lhe valeu como tese para Professor Titular de Lingüística. Ainda em 1983, publicou *Musa de aquém e de além*, um livro de poemas. *Estilística do português* e *Posfácio gramatical* eram trabalhos "em elaboração", lamentavelmente suspensa em

virtude da prioridade concedida pelo autor à preparação da sua tão aguardada *Gramática de sânscrito*, que, segundo informação de Dona Rosa Macambira, ficou pronta e já se encontra no prelo da Imprensa Oficial do Estado do Ceará. O lingüista, ainda segundo informação da esposa, deixou traduzido em Língua Portuguesa o *Sutra* de Patánjali, que a família, com a ajuda de amigos amantes do Sânscrito, publicará oportunamente.

A Bibliografia lingüística de José Rebouças Macambira é rica e de inquestionável valor, mas, infelizmente, não há aqui espaço, para descermos à apreciação de suas qualidades científicas intrínsecas. Todavia, como "contra fatos não há argumentos", seja-nos permitido aqui lembrar dois bastante significativos que atestam a importância da contribuição deixada pelo lingüista cearense: a inclusão de algumas de suas obras em bibliografias de inúmeros trabalhos, entre estes dissertações de Mestrado e teses de Doutorado e a reedição de algumas em âmbito nacional. Neste particular, convém lembrar que, em 1986, ano da publicação de *Estrutura do vernáculo*, a obra primogênita *A estrutura morfo-sintática do português* já se encontrava em quinta edição, tirada, em São Paulo, pela Livraria Pioneira.

Para concluir, cumpre-nos ressaltar que o lingüista José Rebouças Macambira era um homem em que a simplicidade e humildade, próprias de um cientista, aliavam-se à fidalguia do trato. E não obstante a bondade e a solicitude, sempre manifestas em seus atos, Deus o retirou de nosso convívio, deixando-nos mais pobres.

José Rogério Fontenele Bessa
